

IMPACTOS DA MODERNIDADE NAS DINÂMICAS FAMILIARES EM ANGOLA: UM ESTUDO DE CASO QUALITATIVO NA CIDADE DO HUAMBO

THE IMPACT OF MODERNITY ON FAMILY DYNAMICS IN ANGOLA: A
QUALITATIVE CASE STUDY IN THE CITY OF HUAMBO

Ciências Sociais Aplicadas • 21/10/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/792379526](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/792379526)

Fernando Cassumba Matos¹

RESUMO

O presente artigo analisa as transformações contemporâneas nas dinâmicas familiares na cidade do Huambo, Angola, focando-se nos fatores de modernidade que geram tensões e reconfigurações nas estruturas urbanas de matriz Ovimbundu. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa baseada num estudo de caso, recorrendo a 15 entrevistas semiestruturadas e grupos de discussão focalizada com chefes de família, jovens e autoridades tradicionais (Sobas). Os resultados demonstram que a urbanização acelerada, a monetarização da vida quotidiana, a crescente autonomia económica feminina e o fosso digital intergeracional funcionam como vetores de modernidade tardia. Estes vetores entram em fricção direta com o modelo tradicional de família alargada e com o patriarcado consuetudinário. Conclui-se que as famílias no Huambo não abandonam a tradição, mas negociam diariamente uma “modernidade híbrida”, redefinindo os laços de parentesco e solidariedade face às pressões socioeconómicas do ambiente urbano pós-conflito.

Palavras-chave: Modernidade; Dinâmicas familiares; Mudança social; Relações intergeracionais; Família angolana.

ABSTRACT

This article analyzes contemporary transformations in family dynamics within the city of Huambo, Angola, focusing on the factors of modernity that generate tensions and reconfigurations in urban structures of the Ovimbundu matrix. Methodologically, it adopts a qualitative case study approach, utilizing 15 semi-structured interviews and focus groups with heads of households, youth, and traditional authorities (Sobas). The results demonstrate that accelerated urbanization, the monetization of daily life, increasing female economic autonomy, and the intergenerational digital divide

operate as vectors of late modernity. These vectors directly clash with the traditional extended family model and customary patriarchy. The study concludes that families in Huambo do not abandon tradition; instead, they daily negotiate a “hybrid modernity”, redefining kinship and solidarity ties in response to the socioeconomic pressures of the post-conflict urban environment.

Keywords: Modernity; Family dynamics; Social change; Intergenerational relationships; Angolan family.

1. INTRODUÇÃO

A investigação sociológica contemporânea exige um rigor epistemológico que recuse o empirismo abstrato e a mera catalogação quantitativa de dados. Como preconiza Gurvitch (1968), a descrição da vida social não se pode estribar exclusivamente num mecanismo técnico de sondagens, de cálculos e de estatísticas, sem qualquer aparelho conceptual clarificado. A apreensão dos fenómenos sociais carece, fundamentalmente, de uma matriz teórica que confira inteligibilidade e densidade analítica à realidade empírica. É sob este prisma que se ancora o estudo da família, uma instituição em constante mutação que espelha as transformações macroestruturais e as fraturas da própria sociedade.

Na visão de Giddens (2012), existem poucos países no mundo onde não esteja a desenrolar-se uma discussão intensa sobre o futuro da família, transformando esta instituição num autêntico campo de batalha entre a tradição e a modernidade. Discursos políticos, ativistas e entidades eclesíásticas tendem a diagnosticar apocalipticamente a rutura da família contemporânea, clamando nostalgicamente pelo regresso a um modelo tradicional idealizado. Todavia, a designação “família tradicional” tem servido para englobar

situações bastante diversas; em sociedades e culturas distintas, as tipologias de família e os padrões de relacionamento revestem-se de formas heterogêneas. Importa salvaguardar, numa leitura crítica, que a desigualdade estrutural entre homens e mulheres constituía um fator intrínseco e fundacional da família tradicional, onde a negação de direitos civis e de autonomia subjetiva afetava severamente não apenas as mulheres, mas também as crianças.

A diversidade do conceito de família explica a constante evolução, reconfiguração e transformação da sua conceção ao longo do tempo. Para Riutort (2008), a família constitui a primeira instância da socialização do indivíduo, desempenhando um papel crucial na transmissão primária de normas, valores e matrizes culturais. Este estatuto de agência fundamental de mediação entre o indivíduo e a estrutura social justifica o interesse perene que os sociólogos manifestam pela família como objeto social central. Longe de ser uma estrutura estática ou puramente natural, a sua arquitetura jurídica e social alterou-se profundamente no decurso do século XX. Conforme aponta Giddens (2012), o Estado moderno passou a considerar a família como um problema social, intervindo ativamente na sua orgânica através do desenvolvimento normativo do direito da criança. Desse modo, a família deixou de ser uma instituição estritamente privada para se tornar numa esfera de responsabilidade pública, na qual os cuidadores têm de prestar satisfações institucionais e legais sobre as suas ações.

Operacionalmente, uma família pode ser delimitada como um grupo de pessoas unidas diretamente por laços de parentesco, no qual os membros adultos assumem a responsabilidade de cuidar do desenvolvimento e protecção das crianças (Giddens, 2013). Complementarmente, de acordo com Saraceno e Naldini (2013), a

família revela-se como um lugar privilegiado de construção social da realidade, operando a partir da atribuição de significados sociais aos acontecimentos e às relações parentais, geracionais e de género.

No contexto angolano, este embate entre o pilar tradicional e os vetores da modernidade assume contornos específicos. O longo conflito civil e os processos de urbanização acelerados no período pós-guerra desarticularam os antigos equilíbrios socioeconómicos. Diante deste cenário, emerge a pergunta de partida que orienta esta investigação: *quais são os factores de modernidade que têm causado tensão nas dinâmicas familiares na cidade do Huambo?* O objetivo geral deste artigo é analisar como os processos de urbanização, monetarização e reconfiguração de género desafiam a matriz cultural dominante na região do Planalto Central angolano.

2. O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-CULTURAL: A MATRIZ SOCIOCULTURAL OVIMBUNDU NO HUAMBO

Para compreender as linhas de fratura e as negociações identitárias que ocorrem no seio das famílias na cidade do Huambo, torna-se imperativo recuar à matriz etnolinguística predominante na região: os Ovimbundu (falantes da língua Umbundu, e sobretudo a identificação com elementos culturais). Historicamente fixados no Planalto Central de Angola, os Ovimbundu desenvolveram uma organização social, económica e cosmológica muito própria, cujos pilares continuam a ecoar - e a ser severamente testados- nas dinâmicas urbanas contemporâneas.

Neto (1997) refere que o termo *Ovimbundu* é o plural de *Ocimbundu*, sendo a sua língua designada por *Umbundu*. Atualmente, o Umbundu é falado por povos que transcendem a

região do Planalto Central (o triângulo Huambo-Bailundo-Bié), estendendo-se ao norte, na província do Cuanza Sul, e ao sul, na província da Huíla. Os Ovimbundu são considerados um dos maiores grupos etnolinguísticos de Angola, dado que o Umbundu é a língua nacional mais falada no território. Wheeler e Pélissier (2011), corroboram esta relevância ao afirmar que constituem o grupo cultural mais numeroso do país, historicamente caracterizado por hábitos tendencialmente migratórios, expandindo-se da costa de Benguela até à bacia do Zambeze.

No que concerne à sua génese, Gomes (2016) define os Ovimbundu como um conglomerado histórico *sui generis*, fruto de uma miscigenação de diversos vetores do mosaico etnolinguístico nacional e regional (incluindo influências além-Kasai, Baluba, Matembele, Baxilele, e carregadores das rotas mercantis). Sob a perspetiva macro-histórica, Petter (2015) e Isso (2006), enquadram esta origem nos processos migratórios Bantu originários do noroeste da floresta equatorial (vale de Benué, na Nigéria/Camarões).

De acordo com Isso (2006), existem três hipóteses explicativas para a fixação regional dos Ovimbundu:

Hipótese da Fixação Agrícola via Atlântico: Defende que o grupo passou pela faixa atlântica e fixou-se no Huambo e Bié devido à fertilidade das terras, teoria sustentada por semelhanças linguísticas com o povo Igbo da Nigéria (ex: termos como *Suku* para Deus, *omunu* para pessoa, em contraste com o termo *Nzambi* usado em Kimbundu).

Advoga que os Ovimbundu são o resultado da fusão entre os Bakongo e os Lunda (uma síntese entre o Bantu-Kongo e o Bantu-

Lunda), o que justificaria a sua versatilidade e capacidade de adaptação socioeconómica. Para Wheeler e Christensen (1973, como citados em Fernando, 2004), esta fusão consolidou-se no século XVII com a integração de populações Imbangala (ou Jaga) vindas do norte.

Hipótese Autóctone (Estação Arqueológica de Caninguiri): Baseada na descoberta da estação arqueológica de Caninguiri (*Kaniñili*), no Mungo/Bailundo, datada de mais de 9.000 anos. Estudos apoiados na tradição oral sugerem que os Ovimbundu podem ser descendentes diretos dos autores dessas pinturas rupestres, tendo sofrido posterior influência por osmose dos grupos Bantu migrantes.

Ao contrário de outras etnias de cariz puramente matrilinear, a estrutura tradicional de parentesco dos Ovimbundu caracteriza-se por um sistema bilinear único de dupla filiação:

- **Oluina (Linhagem Matrilinear):** Tradicionalmente, regula a transmissão da herança material, dos bens móveis e, frequentemente, os laços de consanguinidade mística e acusações de feitiçaria. O tio materno (*inanu*) emergia como uma figura central de autoridade jurídica e responsabilidade sobre os sobrinhos.
- **Oluse (Linhagem Patrilinear):** representa ao sistema de parentesco no qual a sucessão é feita por via paterna. Define o local de residência da família e, historicamente, a sucessão do poder político e dos cargos de autoridade (como os títulos de *Soma* ou *Sekulu*).

Esta dualidade conferia à família alargada Ovimbundu uma rede de solidariedade complexa e abrangente, onde o indivíduo era visto

como a extensão de dois blocos familiares articulados. É este tecido de responsabilidade mútua que a modernidade urbana e assente no salário individual tende a fragmentar.

Historicamente, a subsistência do Planalto Central assentava na agricultura de sequeiro (cultivo do milho, feijão, cevada, ginguba, inhame, batata, trigo e mandioca), uma atividade predominantemente entregue às mulheres. Na sociedade tradicional Ovimbundu, a mulher não era apenas uma figura reprodutora; ela era o motor económico da lavoura. No entanto, esta centralidade produtiva não se traduzia em igualdade política ou jurídica: o homem detinha o controlo institucional da comunidade e a última palavra nos conselhos de anciãos.

A modernidade urbana no Huambo altera profundamente este ecossistema: a lavoura comunitária é progressivamente substituída pelo comércio informal de rua ou pelos mercados urbanos. A mulher mantém-se como motor económico, mas agora lida diretamente com o papel-moeda e com a autonomia financeira individual, desafiando a tradicional submissão ao arbítrio masculino.

O Huambo foi um dos palcos mais fustigados pela longa Guerra Civil Angolana (1975-2002), sofrendo destruições infraestruturais massivas que desarticularam as comunidades rurais e provocaram um êxodo forçado para o perímetro urbano da cidade. No período pós-guerra, a rápida reconstrução da cidade do Huambo trouxe consigo os vetores da modernidade tardia: universidades, expansão tecnológica, acesso à internet e o consumo de massas. O Huambo converteu-se, assim, num laboratório social vivo, onde a mundivivência tradicional Ovimbundu -outrora regulada pela

sabedoria dos mais velhos e pelos rituais de coesão - é forçada a coabitar com o individualismo e a monetarização urbana.

3. METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de caráter descritivo e analítico, configurando-se como um estudo de caso focado na periferia e no centro urbano da cidade do Huambo. A opção pelo método qualitativo justifica-se pela necessidade de apreender os significados, valores e tensões subjetivas vivenciados pelos próprios atores sociais, indo além dos dados estatísticos puros, em linha com o postulado por Gurvitch (1968).

O trabalho de campo realizou-se entre os bairros periféricos e centralizados da cidade do Huambo (nomeadamente Cacilhas Norte, São João e Benfica). Foram aplicadas duas técnicas principais de recolha de dados:

1. **Entrevistas Semiestruturadas:** Realizadas a 15 chefes de agregados familiares (10 homens e 5 mulheres), com idades compreendidas entre os 25 e os 65 anos, selecionados por amostragem não-probabilística por conveniência e efeito “bola de neve”.
2. **Grupos de Discussão Focalizada** (Focus Groups): Foram realizados dois grupos de discussão, divididos geracionalmente: o primeiro constituído por jovens universitários (22-32 anos) e o segundo por anciãos da comunidade e autoridades tradicionais (Sobas locais).

Para a análise dos dados textuais, utilizou-se a Análise de Conteúdo Temática, o que permitiu organizar as narrativas em categorias

analíticas correspondentes aos principais fatores de modernidade que provocam tensão a estrutura familiar.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO: A VOZ DOS ATORES SOCIAIS NO HUAMBO

Para compreender as tensões geradas pelos fatores de modernidade nas dinâmicas familiares, as narrativas recolhidas no Huambo foram categorizadas em três eixos analíticos fundamentais. Estas citações ilustram a transição conceptual da família como espaço privado para um campo de batalha identitário (Giddens, 2012).

4.1. A Fragmentação da Solidariedade Alargada Ante a Monetização Urbana

A transição da economia de subsistência e da entreajuda comunitária para uma economia urbana de mercado, na cidade do Huambo, tem sufocado a tradicional rede de solidariedade da família alargada. Os constrangimentos financeiros forçam as famílias a priorizar o núcleo familiar (pais e filhos), gerando sentimentos de ruptura e, em casos extremos, fraturas morais graves.

No tempo dos nossos pais, no campo, a nossa casa albergava toda a gente. Tios, primos, sobrinhos, todos comiam da mesma lavra. Hoje, aqui na cidade do Huambo, tudo se paga: a água, a luz, o saco de fuba, saco de arroz, caixa de peixe, etc. Se eu trazer os meus sobrinhos da aldeia para viverem connosco na cidade, o meu salário de professor não chega ao fim do mês. A família da aldeia diz que mudei, que virei as costas à tradição, mas a vida urbana obriga-nos a fechar a porta aos nossos próprios parentes. (Entrevistado, sexo masculino, 43 anos, funcionário público, Bairro Cacilhas Norte)

Esta narrativa valida a perspetiva de Saraceno e Naldini (2013), sobre a família como uma construção social moldada pelas realidades económicas locais. A impossibilidade de manter as obrigações tradicionais cria uma tensão de legitimidade entre o dever cultural e a sobrevivência urbana.

4.2. A Autonomia Económica Feminina e a Crise da Autoridade Patriarcal

A inserção crescente da mulher angolana no mercado de trabalho formal e, predominantemente, no comércio informal (*zunga* ou feiras urbanas) alterou profundamente a balança de poder doméstico. Ao assumir o papel de co-provedora ou principal sustento, a mulher desafia a assimetria vertical que caracterizava a família tradicional (Giddens, 2012).

O meu marido perdeu o emprego na empresa de construção e passou a ficar em casa, à espera. Quem passou a sustentar o lar fui eu, a sair todos os dias cedo para vender no mercado. No início, ele não aceitava que eu gerisse o dinheiro. Batia na mesa, dizia que no Huambo o homem é quem manda. Mas como vai mandar se a comida na mesa vem do meu suor? Acabámos por nos separar porque ele não aguentou ver que eu já não precisava de lhe pedir autorização para comprar as coisas dos miúdos. (Entrevistada, sexo feminino, 36 anos, feirante, Bairro São João)

Este testemunho empírico demonstra que a igualdade ou emancipação económica feminina é percebida, no contexto tradicional patriarcal, como um factor de ruptura e instabilidade conjugal, convertendo o lar num campo de batalha de relações de género.

4.3. O Fosso Digital, a Globalização e a Contestação do Alambamento

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e o acesso à internet descentralizaram a socialização primária (Riutort, 2008). Os jovens do Huambo assimilam discursos globais sobre direitos individuais, o que gera frequentes conflitos com a autoridade geracional dos “*mais velhos*”, visível na transformação de rituais como o *Alambamento* (casamento tradicional).

Hoje os nossos filhos já não ouvem os conselhos dos mais velhos. Ficam o dia todo agarrados ao telefone, no Facebook, a ver como vivem os jovens na América ou em Luanda. Quando fomos discutir o alambamento da minha filha, os tios pediram valores exorbitantes, como se fosse um negócio. A minha filha revoltou-se, disse que não era uma mercadoria e que ia viver com o namorado mesmo sem o alambamento estar pago. Isso no nosso tempo era uma ofensa grave à família e aos antepassados. (Entrevistado, sexo masculino, 65 anos, alfaiate e ancião familiar, Bairro Benfica)

A recusa em aceitar a mercantilização de práticas consuetudinárias ilustra a emergência do direito à autonomia individual e subjetiva dos jovens, criando uma fricção direta com as estruturas tradicionais que utilizavam estes rituais para reforçar a coesão e o controlo social da família alargada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação efetuada na cidade do Huambo permite responder diretamente à pergunta de partida, demonstrando que a “modernidade” não atua como um bloco homogéneo que apaga a tradição, mas sim como um conjunto de vetores (urbanização, monetarização, autonomia de género e digitalização) que tensionam e reconfiguram as estruturas familiares consuetudinárias de matriz Ovimbundu.

A transição das redes tradicionais de solidariedade bilinear (*Oluina* e *Oluse*) para modelos de nucleação familiar forçada pelo custo de vida urbano evidencia que a família no Huambo deixou de ser uma instituição puramente privada e blindada para se tornar permeável

às pressões do mercado e ao escrutínio público, corroborando as teses de Giddens, Saraceno e Naldini. O declínio da autoridade autocrática do homem e a emergência da agência económica e social da mulher e dos jovens geram fricções e um aumento da conflitualidade conjugal e geracional, mas também abrem espaço para a democratização das relações afetivas.

Em suma, a realidade do Huambo revela a emergência de uma “*modernidade híbrida*”. As famílias angolanas contemporâneas não rompem de forma absoluta com a sua matriz cultural; pelo contrário, negoceiam-na diariamente, reinventando os laços de parentesco e os rituais tradicionais para acomodar as exigências da sobrevivência e da subjetividade na era global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fernando, F. (2004). *As autoridades tradicionais Ovimbundu do Planalto Central de Angola e sua participação na formação do Estado*. FCSH da Universidade Nova de Lisboa.

Giddens, A. (2012). *O mundo na era da globalização* (8.^a ed.). Presença.

Giddens, A. (2013). *Sociologia* (9.^a ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.

Gomes, A. J. (2016). *Ovimbundu pré-coloniais: Contribuição ao estudo sobre os planálticos de Angola*. CACUL.

Gurvitch, G. (1968). *Tratado de sociologia* (Vol. 1). Edições Cosmos.

Isso, M. (2006). *A origem dos Ovimbundu: A hipótese mais próxima da realidade*. Recuperado em 30 de outubro de 2023, de <http://www.ovimbundu.org/categoria/hist%C3%B3ria-dosovimbundu/hist%C3%B3ria-mais-recente>

Neto, M. da C. (1997). Entre a tradição e a modernidade: Os Ovimbundu do Planalto Central à luz da História. *Ngola-Revista de Estudos Sociais*.

Petter, M. (2015). *Introdução à linguística africana*. Editora Contexto.

Riutort, P. (2008). *Compêndio de sociologia* (2.^a ed.). Paulus.

Saraceno, C., & Naldini, M. (2013). *Sociologia da família* (3.^a ed.). Estampa.

Wheeler, D., & Pélissier, R. (2011). *História de Angola*. Tinta-da-China.

¹ Docente do Instituto Superior Politécnico Sol Nascente-Huambo. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#). ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-7199-7058>